

doi:10.12662/2359-618xregea.v12i3.p121-136.2023

ARTIGOS

A EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA SOB A ÓTICA DAS FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

FINANCIAL EDUCATION AND LITERACY FROM THE PERSPECTIVE OF BEHAVIORAL FINANCE

RESUMO

Não há um consenso no campo em finanças sobre a relação da educação/alfabetização financeira e o comportamento financeiro, evidenciando um gap de pesquisa sobre o entendimento de tais resultados contraditórios. Este artigo tem por objetivo apresentar os resultados de uma revisão integrativa sobre o impacto da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão das pessoas sob a ótica das Finanças Comportamentais. Os resultados revelaram que a existência de resultados contraditórios pode ser explicada pela falta de contextualização da educação/alfabetização financeira. Foram encontrados diversos moderadores subjacentes que influenciam no efeito percebido das intervenções da educação e alfabetização. Ademais, foram evidenciados constructos teóricos que explicam as formas de intervenção e estratégias de moderação de tais efeitos. Este trabalho fornece uma visão holística sobre a relevância da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão. Acredita-se que este artigo possa servir de referência para a construção de novas pesquisas e práticas mais eficazes de educação financeira.

Palavras-chave: economia comportamental; efeito; influência; mecanismos; estratégias.

ABSTRACT

There is no consensus in the field of finance on the relationship between financial education/literacy and financial behavior, evidencing a research gap in understanding such contradictory results. This article aimed to present the results of an integrative review on the impact of financial education/literacy on people's decision-making from the perspective of Behavioral Finance. The results revealed that the existence of contradictory results can be explained by the lack of contextualization of financial education/literacy.

Karina Kelen da Cruz
karinakelencruz@gmail.com
Doutoranda em Administração
pela Universidade Federal
de Lavras (UFLA). Possui
mestrado (2022) e graduação
em Administração (2018)
pela Universidade Federal de
Lavras. Lavras - MG - BR.

Mozar José de Brito
mozarjdb@ufla.br
Doutor em Administração pela
Universidade de São Paulo.
Professor Titular e Permanente
do PPGA/UFLA. Lavras - MG
- BR.

Francisval de Melo Carvalho
francarv@ufla.br
Doutor em Administração de
Empresas da Universidade
Presbiteriana Mackenzie.
Professor Titular da
Universidade Federal de
Lavras. Lavras - MG - BR.

Several underlying moderators were found that influence the perceived effect of education and literacy interventions. Furthermore, theoretical constructs that explain the forms of intervention and strategies for moderating such effects were evidenced. This work provides a holistic view of the relevance of financial education/literacy in decision-making. It is believed that this article can serve as a reference for the construction of new research and more effective financial education practices.

Keywords: behavioral economics; effect; influence; mechanisms; strategies.

1 INTRODUÇÃO

As teorias tradicionais e modernas de finanças foram fundamentadas com base em uma abordagem econômica, cujo paradigma central é a racionalidade dos agentes (BAKER; GREG; NOFSINGER, 2019). No entanto, acontecimentos nos mercados, conceituados pela literatura como anomalias de mercado, têm mostrado que, nem sempre, os agentes são guiados por decisões racionais (SIMON, 1979).

Nesse cenário, surgem as Finanças Comportamentais como uma tentativa de aperfeiçoar o modelo moderno de finanças incluindo aspectos psicológicos em suas análises para identificar e entender a relação entre a irracionalidade e as decisões (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979; KAHNEMAN, 2012).

No processo da tomada de decisão, é comum o cérebro usar atalhos para reduzir o esforço cognitivo (KAHNEMAN, 2012). Esses atalhos são conceituados como heurísticas, as quais simplificam as tarefas de avaliação das probabilidades, tornando as escolhas mais rápidas e objetivas. As heurísticas são úteis, no entanto, nem sempre conduzem as pessoas aos melhores julgamentos, podendo levá-las a tomarem decisões enviesadas (KAHNEMAN, 2012).

Além dos aspectos cognitivos, as pessoas sofrem influências de diferentes fatores externos, os quais podem influenciar suas ações, escolhas

e comportamento financeiro (BAKER; GREG; NOFSINGER, 2019) como a instabilidade e incertezas do mercado financeiro, a qualidade das informações, as constantes mudanças tecnológicas, as transformações sociais, entre outros elementos, os quais aumentam a probabilidade de que decisões enviesadas sejam tomadas (FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014).

Assim, um maior entendimento dos fatores e comportamentos que interferem na tomada de decisão financeira pode contribuir para melhores julgamentos das pessoas em suas decisões. Conseqüentemente, possibilitando a redução de erros, conflitos e perdas financeiras resultantes de uma decisão irracional (BAKER; GREG; NOFSINGER, 2019), proporcionando às pessoas, de tal modo, melhor saúde mental e bem-estar financeiro (KAHNEMAN, 2012).

A Educação e a Alfabetização Financeira têm sido apontadas pela literatura como sendo constructos teóricos que podem explicar parte do comportamento financeiro das pessoas. Nos últimos anos, tais fatores têm ganhado espaço na literatura, sendo explorado pelos pesquisadores se a educação e ou a alfabetização financeira influenciam, positivamente, o comportamento financeiro das pessoas, possibilitando que essas realizem escolhas financeiras menos enviesadas e mais saudáveis. A alfabetização financeira é compreendida como sendo uma combinação de consciência, conhecimento, habilidade, atitude e comportamentos necessários para as pessoas gerenciarem e tomar decisões financeiras com sucesso (REMUND, 2010). A educação financeira refere-se ao conhecimento financeiro que as pessoas possuem (OECD, 2005).

Entre os estudos mais recentes do campo, têm sido encontradas algumas evidências primárias da relação entre a educação financeira e os vieses comportamentais (BAKER *et al.*, 2019). No entanto, os resultados sobre o efeito estimado da educação/alfabetização financeira, na tomada de decisão, são mistos (KAWAMURA *et al.*, 2021). Não há um consenso entre o estudioso do campo sobre a relação da educação/alfabetização financeira e

o comportamento financeiro (FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014).

Cupák, Fessler e Schneebaum (2020), por exemplo, encontram que a educação financeira assim como a confiança são fortes fatores relacionados ao comportamento financeiro, pessoas mais educadas financeiramente tendem a apresentar comportamentos mais saudáveis. Em concordância, Adam e Rau (2011) mostraram que a alfabetização financeira desempenha um papel fundamental na preparação financeira das pessoas para a aposentadoria, demonstrando que compreender os princípios básicos de poupança e juros compostos têm um efeito direto sobre essa preparação. Por sua vez, Kawamura *et al.* (2021) encontraram que pessoas com altos níveis de alfabetização financeira tendem a correr maiores riscos, fazer empréstimos excessivos e ter atitudes financeiras ingênuas. Isso, porque a alfabetização financeira tende a fazer que as pessoas se tornem mais ousadas e imprudentes em relação a alguns aspectos financeiros. E Gerth *et al.* (2021) também encontraram que os vieses comportamentais, representatividade e aversão à perda, estão positivamente relacionados à educação financeira.

Diante do exposto, a presente pesquisa visa entender: como o efeito da educação/alfabetização financeira é visto pelas Finanças Comportamentais? Para responder a essa questão foi realizada uma revisão integrativa que teve por objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre o impacto da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão das pessoas sob a ótica das Finanças Comportamentais.

Considerando o impacto que as decisões financeiras assumem no comportamento e bem-estar financeiro, sobretudo em períodos de crise e escassez, tal investigação torna-se pertinente. As más decisões financeiras geram dificuldades e problemas às pessoas, como altos níveis de endividamento e inadimplência. O cenário recente da pandemia da covid-19, evidencia a consequência das más decisões e falta de planejamento financeiro, em que o aumento do

endividamento e desemprego resultaram em ansiedade, estresse e dificuldades financeiras às pessoas (SHANKAR; VINOD; KAMATH, 2022).

Assim, torna-se fundamental compreender os aspectos que influenciam na decisão e comportamento financeiro, de modo que auxilie as pessoas a tomarem decisões assertivas e assumirem comportamento financeiro mais saudáveis. Embora as Finanças Comportamentais sejam um entre os ramos mais polêmicos e recente das finanças e que tenham despertado o interesse dos pesquisadores no desenvolvimento de um emaranhado de trabalhos, inclusive de outras áreas de conhecimento, trazendo várias contribuições ao campo das finanças, ainda é limitada a discussão acerca de possíveis soluções, medidas e incentivos públicos para amenização dos vieses comportamentais e melhoramento do comportamento e escolhas financeiras. Portanto, esta pesquisa busca suprir esta lacuna, de forma a contribuir para uma compreensão mais ampla do papel da educação financeira e da alfabetização financeira no comportamento das pessoas, visto que os resultados encontrados na literatura sobre tal efeito são mistos.

2 METODOLOGIA

Para comprimir ao objetivo da pesquisa, faz-se necessária uma exploração aprofundada de como a educação/alfabetização financeira é interpretada pelos pesquisadores do campo em diferentes contextos. Visto que uma revisão integrativa da literatura se propõe a revisar, criticar e sintetizar a literatura representativa de um tema de forma integrada, de modo que novas estruturas e perspectivas sobre o tema sejam geradas (TORRACO, 2016) a escolha de tal método de análise para o desenvolvimento do presente estudo se revelou apropriada.

Visando garantir o caráter científico do estudo e transparência da pesquisa, as revisões devem ser elaboradas, seguindo uma metodologia clara e reproduzível, assim,

o método e procedimentos adotados para a realização desta pesquisa seguem a estrutura de desenvolvimento de revisão integrativa segundo Torrado (2016), a qual compreende as seguintes fases: 1) delimitação do tema e necessidade do estudo; 2) formulação da questão de pesquisa; 3) levantamento dos dados; 4) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; 5) seleção de estudos relevantes e 6) análise crítica e síntese integrativa (TORRACO, 2016).

Assim, após a delimitação do tema investigado, necessidade do estudo e formulação da questão de pesquisa a ser investigada, na terceira fase da pesquisa, buscou-se levantar os dados que compuseram a amostra. Primeiramente, foi realizada uma pesquisa informal para identificar os termos científicos mais representativos do campo de publicações em Finanças Comportamentais para compor a *string* de busca. A descrição da *string* de busca utilizada foi: *TS=(behavioral_financ* OR behavioral_econom* OR behavioral_account* OR neuroeconom* OR econom*_psychology) AND TS=(financial_education OR financial_literacy OR education OR literacy)*.

Para a realização das buscas, utilizaram-se os termos no título em todos os anos, idiomas e áreas do conhecimento disponíveis na base Web of Science e Scopus, compreendendo ao período de 1997 a 2022. Foram encontrados 458 trabalhos na Web of Science e 612 na Scopus, totalizando em uma amostra inicial de 1.070 trabalhos. A escolha de tais bases de busca se deu em função da extensão de periódicos da área das ciências sociais aplicadas que estão indexados nas bases, bem como o rigoroso processo de avaliação dos periódicos indexados e os recursos de busca, gerenciamento e análise que ambas bases oferecem.

Após a identificação da amostra inicial, na quarta etapa da pesquisa, estabeleceram-se os critérios de inclusão e exclusão dos artigos da amostra. Foram utilizados quatro critérios de inclusão e três de exclusão das publicações, buscando selecionar os trabalhos mais relevantes sobre o tema que irão compor

a mostra final da revisão. Como critérios de inclusão, a pesquisa se concentrou em artigos de periódicos revisados por pares, publicados em periódicos de fator de impacto, escritos em qualquer idioma e que abordem a influência que a educação financeira exerce no comportamento financeiro das pessoas. E como critérios de exclusão, foram excluídos os artigos não acadêmicos, como capítulos de livros, editoriais, artigos de congressos, resumos e resenhas, resultando em 433 trabalhos. Além disso, foram excluídos os artigos duplicados e também os que abordaram sobre educação e ou alfabetização seja no título, resumo ou palavras-chave, mas não necessariamente financeira, sendo excluídos 341 trabalhos. Resultando em uma amostra total de 92 artigos.

Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão dos trabalhos, a próxima e quinta etapa referem-se à seleção dos estudos relevantes. Para isso, foi realizada uma leitura flutuante da amostra levantada, sendo analisados os títulos, resumos, palavras-chave e resultados principais para a exclusão daqueles artigos que não se enquadram no escopo desta pesquisa, como trabalhos que não se embasaram na teoria das Finanças Comportamentais para a sua elaboração, bem como os que não apresentavam, detalhadamente, a forma de avaliação da influência da educação/alfabetização financeira no comportamento financeiro do público investigado. Assim, foram removidos 73 artigos, resultando em uma amostra final de 19 trabalhos.

Por fim, na sexta etapa do trabalho, foram realizadas a análise crítica e a síntese integrativa dos trabalhos encontrados. A partir da amostra final, foi possível sintetizar os dados em 3 categorias subjacentes: CATEGORIA 1 – Impactos da educação/alfabetização financeira; CATEGORIA 2 – Fatores moderadores e; CATEGORIA 3 – Estratégias e intervenções. Assim, a próxima seção discute e apresenta os resultados encontrados por meios dos dados coletados. A partir de tal integração e discussão dos dados, foi possível entender as questões reveladas na literatura sobre como o efeito da

educação/alfabetização financeira é visto pelas Finanças Comportamentais, achados os quais permitiram a formulação de implicações e questões para pesquisas futuras as quais serão posteriormente apresentadas.

3 ANÁLISE CRÍTICA E SÍNTESE INTEGRATIVA

3.1 PERCEPÇÕES SOBRE A EDUCAÇÃO E ALFABETIZAÇÃO FINANCEIRA NAS FINANÇAS COMPORTAMENTAIS

Para estruturar esta seção, são apresentadas as descobertas encontradas sobre o efeito da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão das pessoas, seus impactos, estratégias e fatores mediadores subjacentes.

3.1.1 Impactos da educação/alfabetização financeira

Por meio de uma abordagem comportamental, a educação financeira pode melhorar a tomada de decisões, isto é, resultar em menos erros cognitivos, fornecendo aos indivíduos melhores informações e meios para que eles sejam capazes de processar e compreender as informações na tomada de decisão. Sendo seu impacto ainda maior, se a educação financeira fosse projetada e estruturada para minimizar o tempo de processamento e a complexidade das informações (ALTMANA, 2012).

Apesar das divergências apontadas na literatura sobre o efeito da educação financeira sobre o comportamento, Fan e Chatterjee (2018) encontraram que a educação para investimento produz um efeito positivo sobre o comportamento financeiro ao abordarem uma aplicação da estrutura de finanças comportamentais e mecanismo de processamento de informações no contexto da educação financeira. Segundo os autores, embora a influência das emoções possa causar barreiras no processamento de informações,

as motivações e estímulos à aprendizagem, em períodos de incerteza, podem compensar tal barreira, sugerindo que a educação para o investimento é uma estratégia eficaz para tal superação (FAN; CHATTERJEE, 2018).

Em relação a essas barreiras, Raut (2020) aponta que o reconhecimento da sociedade, o medo de críticas, os constrangimentos, a falta de conhecimento técnico e de experiência em investimentos são os principais fatores da tomada de decisão irracional dos investidores em ações. Em relação ao conhecimento, é exposto que o baixo nível de conhecimento financeiro dos investidores pode levar à assimetria de informações, possibilitando que a participação do indivíduo em investimentos em ações seja comprometida. De tal forma, um requisito importante para o processamento da informação e tomada de decisão é o conhecimento sobre os produtos financeiros, o qual é obtido pela educação financeira (RAUT, 2020).

De posse à experiência, os investidores podem ser motivados a considerar recursos cognitivos, avaliando suas crenças, atitudes e comportamentos percebidos na tomada de decisão financeira, os quais enfrentam fatores complexos, como risco, ambiguidade e sobrecarga de escolhas. Evidenciando o importante papel que a alfabetização financeira assume em tais situações, pois a experiência financeira fornece a eles capacidade de processar a informação em tais cenários, bem como uma maior confiança para os indivíduos realizarem julgamentos mais racionais, assertivos, sendo menos sujeitos a influências (RAUT, 2020).

Em relação à complexidade do mercado financeiro, Canikli e Aren (2019) argumentam que sua gene é observada à semelhança e à concorrência encontrada nos mercados. De tal modo, prever as escolhas de investimento de investidores individuais, seus pensamentos subjacentes e as razões de suas preferências são importantes para enfrentar tal mercado. Uma vez que os indivíduos não se comportam apenas racionalmente durante o processo de tomada de decisão financeira, o aumento da alfabetização financeira é visto como um auxiliador nesse

processo, conduzindo os investidores a investirem mais (CANIKLI; AREN, 2019), isso porque a educação financeira informa os indivíduos sobre os retornos reais de diferentes tipos de estratégias de investimento, fornecendo a eles atalhos rápidos e frugais em suas decisões. Bem como fornece informações sobre a vantagem de manter uma carteira diversificada de ativos no longo prazo (ALTMANA, 2012).

Argumentos esses que foram evidenciados por Fan e Chatterjee (2018), os quais observaram que estratégias de cursos sobre investimentos financeiros impactam no melhoramento do comportamento financeiro na escolha de investimento. Além da educação financeira para investimento, a importância da educação/alfabetização financeira também é observada em relação à abordagem da inflação.

A ilusão monetária a qual é entendida como a dificuldade que o decisor possui em contabilizar, corretamente, suas escolhas é dependente das habilidades dos participantes e do contexto de escolha (DARRIET *et al.*, 2019), como de inflação ou deflação. Os agentes encontram dificuldades em entender o impacto das flutuações de preços nas receitas, confundindo as diferenças entre retornos ou valores reais e nominais. Tal assimetria entre inflação e a deflação pode ser explicada pela falta de familiarização em cenários de deflação, bem como aversão à perda nominal, pois, em períodos de deflação, os valores nominais diminuem (DARRIET *et al.*, 2019). Assim, segundo Darriet *et al.* (2019), pessoas com conhecimento financeiro são menos sensíveis à tal ilusão.

A percepção de risco é outra abordagem a qual é influenciada pela educação financeira. A este respeito, Canikli e Aren (2019) apresentam que a percepção de risco em decisões de investimento pode ser explicada pela personalidade e por um nível de alfabetização financeira avançada. Pessoas menos aventureiras e que não possuem informações suficientes sobre finanças são avessas ao risco (CANIKLI; AREN, 2019). Fan e Chatterjee (2018) evidenciaram que a educação sobre

investimento, juntamente com uma descrição detalhada dos riscos associados ao investimento em mercados, melhora o desempenho das escolhas financeiras do decisor. Conforme já abordado por economistas comportamentais baseados em Kahneman e Tversky, os quais argumentam que os esforços para reduzir traços comportamentais enviesados, por meio da educação financeira, podem reduzir a gravidade de fortes altas e baixas nos preços médios dos ativos financeiros (ALTMANA, 2012).

Assim como lidar com risco, o *trade-off* entre consumo-poupança também é complexo. Nesse processo, partindo de uma perspectiva de racionalidade limitada do decisor, Altmana (2012) deixa claro que a educação financeira não é responsável pela mudança dos traços comportamentais do tomador de decisão, mas sim em seu comportamento de poupança, possibilitando que esses optem por poupar mais para aposentadoria, bem como compreendam melhor os riscos envolvidos nos planos de previdência, evitando de tal modo vieses em suas decisões. Argumentos os quais evidenciam a exigência de habilidades financeiras nesse *trade-off* (NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018).

Fan e Chatterjee (2018) observaram que a educação financeira assume uma forte influência nas escolhas de investimento, poupança e consumo. Bens de consumo, tais como energia, conforme apontado por Blasch *et al.* (2021), segundo os autores, a falta de economia de energia no setor residencial pode levar a perdas substanciais de bem-estar financeiro aos seus residentes. Assim, o incentivo a programas e a ferramentas de educação financeira específicos para noções de economia, consumo e eficiência energética são indispensáveis para que decisões assertivas sejam tomadas, pois os indivíduos são limitados racionalmente, sua capacidade de otimizar suas decisões intertemporais afeta suas finanças domésticas, entre outros aspectos da sua vida (BLASCH *et al.*, 2021).

Entre tais aspectos, a recessão é um exemplo de cenário difícil de enfrentar. Entretanto, os cursos e as intervenções de educação financeira são vistos como auxílios

aos decisores que passam por esse cenário (LIA *et al.*, 2021). Como a recessão, a aquisição de crédito também é uma decisão complexa para as pessoas, em que a falta de educação financeira para os usuários de cartões de crédito os tornam vulneráveis a se endividarem por longos períodos de tempo, e a pagarem altas taxas e juros (SHEFRIN; NICOLS, 2014).

Assim, observa-se a função que a educação/alfabetização financeira representa para a responsabilidade financeira. Uma baixa responsabilidade em decisões financeiras está associada a um baixo desempenho em alfabetização e capacidade financeira, responsabilidade em relação ao controle de dinheiro, à escolha de produtos financeiros adequados e de se manter financeiramente informado (ROBSON; PEETZ, 2020).

Em decisões de imprevistos financeiros, também é evidenciada o impacto da educação financeira. Como evidenciado por Asbi *et al.* (2019), ao investigarem a contribuição de fatores demográficos, características comportamentais e alfabetização financeira para a recuperação das perdas financeiras infligidas por desastres naturais (incêndio). Sendo encontrado que os fatores comportamentais e de alfabetização financeira têm o potencial de melhorar o processo de recuperação de imprevistos. Do ponto de vista comportamental, o viés de autosserviço causa um tempo de recuperação mais longo, entretanto evidências indicam que, quanto maior a alfabetização financeira dos afetados, mais rápida é a recuperação das perdas infligidas (ASBI *et al.*, 2019).

O comportamento, o estresse e a alfabetização financeira são vistos como preditores do bem-estar financeiro das pessoas (RAHMAN *et al.*, 2021). Portanto, o gerenciamento do estresse, as atitudes financeiras e o aumento da alfabetização financeira têm sido apontados como necessários para garantir o bem-estar financeiro das pessoas, especialmente aos grupos de baixa renda (RAHMAN *et al.*, 2021). Um indivíduo com bem-estar financeiro insatisfatório não apenas trás dificuldades a si mesmo, mas também tem

um impacto na saúde dos sistemas econômico e financeiro de um país. Isso porque pessoas com dificuldades financeiras podem ter um impacto negativo em sua produtividade, saúde física, estado econômico e psicológico.

Assim, observa-se que a alfabetização financeira conduz, positivamente, ao bem-estar e fomenta o desenvolvimento econômico (RAHMAN *et al.*, 2021). Como também evidenciado por Sekita, Kakkar e Ogaki (2022), os quais apontam que um maior grau de aversão ao risco conduz a uma menor acumulação de riqueza e que a alfabetização financeira contribui para o desenvolvimento econômico e para amenizar tal erro cognitivo, devido a sua capacidade de auxiliar as pessoas na acumulação de riquezas, mais especificamente a alfabetização de depósitos, de risco e de dívida.

Como será discutido em mais detalhes na próxima seção, o impacto da educação financeira na tomada de decisão das pessoas em uma perspectiva comportamental é associado a outros fatores internos e externos ao decisor, entre eles podem ser citados a questão do sexo e o nível de renda. Entretanto, tem sido apontado que o nível de educação financeira ameniza a influência de tais fatores. O nível de educação financeira é muito baixo entre os grupos mais vulneráveis (GARCÍA, 2011), resultando em decisões menos eficientes, sendo apontado que a educação financeira contribui para amenizar tal situação e melhorar a tomada de decisões financeiras de indivíduo de classe média e vulnerável (ALTMANA, 2012); bem como nas diferenças encontradas entre os gêneros. As mulheres são menos propensas do que os homens a deter ativos de risco. Explicações a esse argumento são que as mulheres são mais avessas ao risco e possui menos conhecimento financeiro do que os homens. Assim, a educação e a alfabetização financeira têm sido apontadas como fatores muito importantes na redução da diferença de gênero, nos investimentos em ativos de risco (CUPÁK; FESSLER; SCHNEEBAUM, 2020).

Tendo em vista a discussão acima apresentada, observou-se que as finanças

comportamentais combinam o impacto da psicologia e das ciências econômicas para descobrir as razões e as soluções implícitas às decisões financeiras irracionais (GUZAVICIUS; GIŽIENŲ; ŽALGIRYTŲ, 2015), sendo evidenciado que o conhecimento sobre taxas de juros, inflação e diversificação de risco são fundamentais a esse processo (NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018).

3.1.2 Fatores moderadores

A literatura revelou a existência de diversos fatores moderadores que influenciam no impacto da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão. Fatores tanto internos, quanto externos ao decisor, relacionados a incentivos institucionais; capacidade cognitiva e psicológica; personalidade; ao conteúdo, como os materiais educacionais, duração e custos; ao gênero; renda; nível de escolaridade; idade; cor; qualidade e confiabilidade da informação; e ao contexto.

Em relação aos fatores institucionais, o incentivo do governo é visto como um fator moderador e altamente relacionado ao impacto da educação financeira a tomada de decisão. Como foi o caso da crise financeira de 2008-2009, a qual ressalta o impacto que informações e incentivos enganosos podem ter sobre o comportamento de investimento (ALTMANA, 2012), inclusive ao comportamento de pessoas com conhecimento financeiro. De tal modo, observa-se que muitas escolhas financeiras significativas são melhores abordadas por meio de uma análise conjunta entre as mudanças institucionais e o nível da educação financeira (ALTMANA, 2012).

O nível de educação, conhecimento de diferentes conteúdos e idade (BLASCH *et al.*, 2021) também se revelaram como fatores moderadores do impacto da educação financeira nas decisões. As pessoas idosas e graduados em nível superior fazem melhores escolhas e gerenciam melhor o uso do cartão de crédito, conseguindo pagar o saldo total de suas faturas mensalmente (SHEFRIN; NICOLS,

2014). Assim, como as pessoas que possuem maior conhecimento em matemática, as quais, por terem maior domínio nesse conteúdo adicionados aos conhecimentos financeiros ao tomarem decisões financeiras, cometem menos erros (ALTMANA, 2012; GUZAVICIUS; GIŽIENŲ; ŽALGIRYTŲ, 2015).

O gênero é um forte determinante ao efeito da alfabetização/educação financeira. Achados têm revelado que os homens possuem níveis mais altos de alfabetização (ROBSON; PEETZ, 2020; BLASCH *et al.*, 2021; NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018). Homens planejam mais suas finanças e buscam-se manter mais informados (ROBSON; PEETZ, 2020). Bem como a questão da cor e renda. Sendo encontrado que pessoas negras (NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018), pobres (GARCÍA, 2011) e moradores de zona rural (NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018) possuem níveis de alfabetização financeira mais baixos.

Assim, por meio de uma abordagem econômica comportamental, observa-se que a ocorrência de vieses cognitivos na tomada de decisão financeira é subjacente a tais fatores (NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018). De tal modo, considerar a diferença de gênero, cor, renda e personalidade na alfabetização financeira é se comprometer com uma análise multidimensional de atitudes e comportamentos financeiros. Visto que tais diferenças sendo significativas para explicar as particularidades entre grupos, sugere-se que as intervenções financeiras precisam ser mais personalizadas, para levar em consideração não apenas as diferenças socioeconômicas entre grupos demográficos, mas as diferenças em traços de personalidade (AKGÜNEŞ; AREN, 2019; ROBSON; PEETZ, 2020).

Outro fator moderador encontrado é o tempo de contato com conhecimentos e informações financeiras. Segundo García (2011), os efeitos dos programas de educação financeira são mais significativos se um indivíduo receber tal educação ao longo de

vários anos. Assim como também seu modo de transmissão e condução. A forma como as informações são transmitidas, e principalmente se os métodos levam em consideração aspectos psicológicos do indivíduo, como as heurísticas cognitivas, são fundamentais para transformar o comportamento financeiro dos indivíduos em longo prazo (GARCÍA, 2011). A este respeito, Carpena *et al.* (2017) evidenciaram que o meio de entrega do ensino das informações e conhecimento financeiros fazem uma diferença substancial no comportamento orçamentário em longo prazo (CARPENA *et al.*, 2017). Os ensinamentos de educação financeira tradicionais, como em apenas sala de aula, geralmente produzem resultados mais fracos no comportamento financeiro, do que quando é complementado com tratamentos personalizados de alta intensidade. Outras intervenções não tradicionais, como por meio de mídias digitais, metas, aconselhamento e incentivos por prêmios de participação dos programas, têm mostrado efeitos significativos em ajudar os indivíduos a contornar restrições comportamentais e cognitivas (CARPENA *et al.*, 2017).

A capacidade cognitiva do indivíduo revela-se como outro fator moderador. A este respeito, García (2011) argumenta que o comportamento financeiro das pessoas depende mais de seus traços psicológicos, do que das informações e habilidades que possuem. Os indivíduos têm uma capacidade limitada para processar um grande e complexo corpo de informações, assim, eles recorrem a atalhos mentais ou simples regras práticas, em vez de usar processos que exigem altos níveis cognitivos, que podem conduzir ao viés (GARCÍA, 2011).

Dada a limitação da capacidade cognitiva das pessoas em processar um grande corpo de informações, outro fator determinante ao efeito da educação financeira nas decisões das pessoas é a qualidade e a confiabilidade das informações que chegam a elas. Conforme apontado por Altmana (2012), as pessoas, em sua racionalidade limitada, quando recebem

um grande volume de informações bastante complexas, combinadas com um conhecimento financeiro limitado, bem como com uma escassez de tempo para avaliar e analisar essas informações e incertezas, geralmente recorrem à heurística ao tomar decisões financeiras. Excesso de informações podem tornar a pessoa incapaz de tomar decisões financeiras mais assertivas, como argumentado por Iyengar, Jiang e Huberman (2004) em que discute que a participação em programas de educação financeira que ofereçam planos com menores volumes de informações teve resultados mais significativos, pois o excesso de informações pode confundir o participante (GARCÍA, 2011).

Assim, para que as pessoas possam tomar decisões ótimas, as informações que elas consomem devem ser as mais corretas (ALTMANA, 2012) e confiáveis possíveis; pois, se os decisores forem sujeitos a informações enganosas, podem optar por decisões erradas, como foi o caso da bolha financeira da crise de 2008-2009, que exemplifica uma situação em que, por informações inadequadas em classificações de ativos, os investidores foram influenciados a optar por ativos de alto risco, que, possivelmente, não teriam optado se tivessem sido expostos a classificações mais precisas e confiáveis (ALTMANA, 2012). Um problema a essa questão é que as informações econômicas e financeiras geralmente não são neutras. As casas de investimento e ou bancos visam ao lucro, manipulando suas informações a este fim (ALTMANA, 2012), evidenciando a necessidade de ações que controlem a confiabilidade dessas informações.

Assim, observa-se que o comportamento financeiro é influenciado por fatores internos e externos ao decisor, por elementos psicológicos, culturais, históricos e sociais (GARCÍA, 2011; NANZIRI; LEIBBRANDT, 2018). De tal modo, percebe-se que a educação e a alfabetização financeira não são aprendidas, mas sim moldadas pela qualidade e confiabilidade das informações, personalidade, atitudes e pelo contexto.

3.1.3 Estratégias e intervenções

Por meio do entendimento que o efeito da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão sofre influência de diversos fatores conforme discutido anteriormente, a literatura em análise, mediante uma perspectiva comportamental, revelou intervenções e estratégias que podem ser vistas como mecanismos de amenização de tais moderadores, bem como de aumento da efetivação dos efeitos positivos da educação financeira no comportamento.

Como foi apresentado, um dos moderadores dos efeitos positivos esperados da educação financeira na tomada de decisão, refere-se ao fácil acesso e consumo de informações econômicas/financeiras de qualidade (ALTMANA, 2012). Assim, observa-se que a esse fator as instituições desempenham um papel fundamental no fornecimento de divulgação de informações de maior qualidade e confiabilidade; especialmente, o governo, o qual deve subsidiar, controlar e fiscalizar tal acesso e distribuição (ALTMANA, 2012).

Tal intervenção inclui, por exemplo, o fornecimento, a regulamentação e a fiscalização de rotulagem adequada para os produtos financeiros em uma linguagem fácil e transparente, contendo, claramente, informações compreensíveis sobre riscos e retornos, “análoga à rotulagem nutricional obrigatória para produtos alimentícios” (ALTMANA, 2012), de forma que a punição adequada seja conferida às instituições que não seguirem tal descrição e transparência financeira (ALTMANA, 2012). Assim, o decisor, ao receber as informações confiáveis que necessitam de maneira compreensível, juntamente com as ferramentas adequadas para melhor compreender as informações financeiras, permitem que esses tomem decisões mais assertivas (ALTMANA, 2012).

Outro fator moderador é a questão da renda, sendo encontradas evidências que pessoas de baixa renda possuem níveis

de alfabetização financeira mais baixo (GARCÍA, 2011). Diante disso, observa-se que a responsabilidade da intervenção governamental e institucional vai além da fiscalização da qualidade da informação que chega aos cidadãos, mas também assume o papel de garantir que as pessoas de baixa renda tenham acesso à educação financeira, possibilitando que elas tenham conhecimento necessário que as ajudem a gerir suas finanças, tomarem decisões menos enviesadas e, de tal modo, a garantir seu bem-estar financeiro (RAHMAN *et al.*, 2021).

Nesse sentido, estratégias de aprendizagem se fazem necessárias, uma vez que apenas o emprego de métodos tradicionais tem se revelado menos efetivos (CARPENA *et al.*, 2017). A exemplo de tais estratégias, García (2011) aponta os aconselhamentos, e Rahman *et al.* (2021), os treinamentos financeiros os quais podem ser ministrados por especialistas, assessores e consultores financeiros. Outra estratégia seria a prática dos conteúdos aprendidos, possibilitando que os indivíduos tenham a oportunidade de adquirir experiência, colocando suas lições em prática a outras áreas informacionais (GARCÍA, 2011).

Com o avanço da tecnologia, um mecanismo que pode ser visto como estratégias que contribuem para o efeito da educação financeira no comportamento é o emprego da informática e das ferramentas digitais. Como vídeos educativos (SEKITA; KAKKAR; OGAKI, 2022) e aplicativos que compartilhem informações precisas e confiáveis nas mídias sociais em uma linguagem simples e visual (ÇETINER; ÇILINGIRTÜRK, 2019). Principalmente, para a geração mais jovem, que consome muitas informações por meio de tais mídias (ÇETINER; ÇILINGIRTÜRK, 2019).

Elas podem complementar os programas de educação financeira que devem procurar abranger conteúdos básicos que afetam nas decisões financeiras das pessoas, entre eles gestão de dinheiro, planejamento financeiro,

avaliação de riqueza, diversificação de risco-retorno, oportunidades de investimento (RAHMAN *et al.*, 2021), proteção ao consumidor (GARCÍA, 2011), planejamento financeiro, seguro (ASBI *et al.*, 2019), depósitos, crédito, juros, forma de pagamento de empréstimos, precificação de títulos e taxas de juros (SEKITA; KAKKAR; OGAKI, 2022) para que os indivíduos sejam mais racionais sobre o comportamento financeiro (ÇETINER; ÇILINGIRTÜRK, 2019).

3.2 DISCUSSÃO E SUGESTÕES PARA PESQUISAS FUTURAS

Existem diferentes abordagens da economia que discutem sobre o potencial da educação e alfabetização financeira no comportamento financeiro das pessoas. A literatura da economia convencional sugere que a educação financeira produz pouco efeito substancial nas decisões, pois essa se ampara em uma perspectiva financeira neoclássica (ALTMANA, 2012), mostra que os indivíduos são aptos a sempre otimizar suas escolhas.

A abordagem da economia comportamental enfatiza o impacto potencial da educação e alfabetização financeira sobre o comportamento das pessoas (ALTMANA, 2012). Sobre essa ótica, o decisor é visto como um ser de racionalidade limitada e influenciado por emoções, as quais podem o conduzir a vieses cognitivos em sua tomada de decisão (KAHNEMAN; TVERSKY, 1979; KAHNEMAN, 2012). Perspectiva a qual abre portas para discussões sobre o efeito que se produz sobre a tomada de decisão das pessoas ao educá-las e ou alfabetizá-las financeiramente.

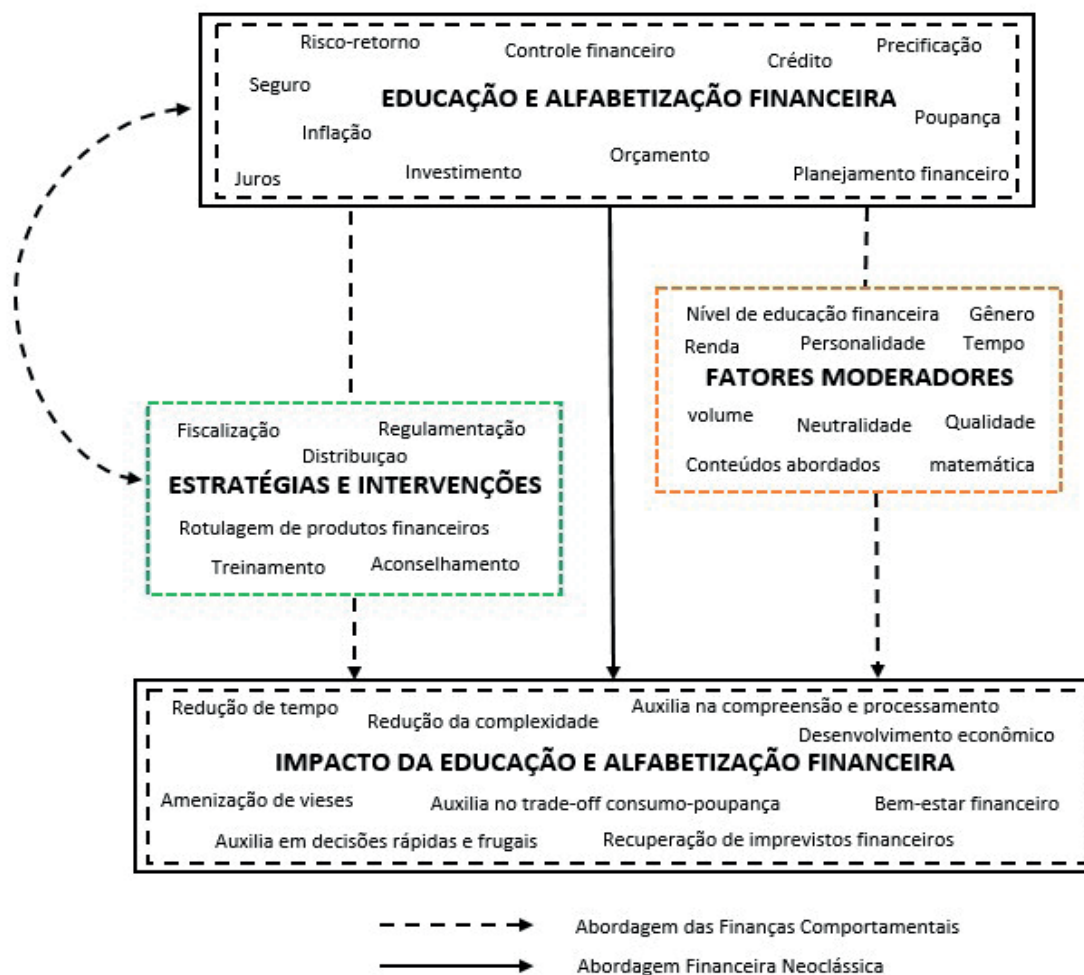
No entanto, entre os estudos mais recentes do campo, observa-se que os resultados sobre tais efeitos são mistos (KAWAMURA *et al.*, 2021). Não há um consenso entre o estudioso do campo sobre a relação da educação/alfabetização financeira e o comportamento financeiro

(FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014). De tal modo, evidenciando um *gap* de pesquisa sobre o entendimento da razão de tais resultados contraditórios, que foi explorado pela presente pesquisa.

Pela análise crítica, observou-se que a razão de tais resultados contraditórios pode ser explicada pela falta de contextualização da educação/alfabetização financeira. Como apresentado na seção anterior, a literatura revelou diversos fatores moderadores subjacentes que influenciam no efeito percebido das intervenções da educação e alfabetização. Fatores tanto internos, quanto externos ao decisor, tais como o contexto, os incentivos institucionais, a capacidade cognitiva, psicológica e a personalidade das pessoas, seu nível de renda e escolaridade, idade, cor, gênero, bem como o conteúdo, materiais educacionais, duração e custos de tal educação, além da qualidade e confiabilidade da informação que chegam às pessoas. De tal modo, percebe-se que os erros cognitivos na tomada de decisão podem ser fruto de se basear em informações enganosas e manipuladoras, baixos incentivos, bem como a própria capacidade cognitiva das pessoas e não simplesmente resultante de uma ineficiência da educação/alfabetização financeira.

Assim, observa-se que, no mundo real, não se pode avaliar o efeito da educação financeira apenas sobre uma perspectiva micro, sem se considerar a influência que tais fatores moderadores exercem na percepção de tal efeito, bem como das estratégias de intervenção que auxiliam na amenização da influência de tais fatores moderadores conforme apontado neste trabalho. Diante de tais implicações, foi possível elaborar uma figura esquemática que ilustra o efeito da educação/alfabetização financeira sobre a ótica das finanças comportamentais (figura 1).

Figura 1 – Efeito da educação financeira a partir da abordagem comportamental



Fonte: elaborado pelos autores (2023).

Por meio da figura 1, observa-se o quão complexo é entender o comportamento, bem como mensurar o nível de impacto da educação e alfabetização financeira no comportamento financeiro das pessoas. Ressalta-se que tal análise de efeito não deve ser feita de forma isolada, uma vez que o conhecimento e atitudes financeiras das pessoas moldam e são moldados por diferentes fatores moderadores.

Com base em tais discussões, foi possível identificar, também, alguns *gaps* de pesquisas para trabalhos futuros. Entre eles, observa-se a escassez de estudos em finanças comportamentais que abordam a educação financeira em contextos de países em desenvolvimento (RAUT, 2020). Assim, qual o impacto das características particulares dos países em desenvolvimento no efeito da educação/alfabetização financeira sobre a tomada de decisão? Além disso, a maioria dos trabalhos abordam as decisões financeiras de investimento, sem considerar outros tipos de decisões financeiras, poucos trabalhos trataram as decisões financeiras em relação ao consumo. Logo, existem diferença entre o efeito da educação/alfabetização financeira entre os diferentes tipos de decisões financeira (investimento, consumo, etc.)?

Por fim, dado que o comportamento financeiro dos indivíduos não é neutro, qual o efeito de se avaliar, de forma conjunta, a tais fatores moderadores a influência da educação/alfabetização financeira sobre o comportamento financeiro? Tais questões abrem um leque de investigação para que pesquisas futuras avancem, cooperando para o campo científico em finanças comportamentais, bem como contribuindo não somente para a sociedade acadêmica, mas também a sociedade como um todo, uma vez que o impacto das decisões financeiras influencia no bem-estar das pessoas e na economia em geral.

4 CONCLUSÃO

Partindo do princípio que não há um consenso entre os estudiosos do campo em finanças sobre o efeito da educação/alfabetização financeira no comportamento financeiro (FERNANDES; LYNCH; NETEMEYER, 2014) e alicerçado sobre a ótica das Finanças Comportamentais, a presente pesquisa teve como objetivo apresentar uma reflexão teórica sobre o impacto da educação/alfabetização financeira na tomada de decisão das pessoas sob a ótica das Finanças Comportamentais.

Para garantir o caráter científico e transparência da pesquisa, ela foi elaborada seguindo uma metodologia clara e reproduzível composta por 6 etapas conforme Torracco (2016), que são: 1) delimitação do tema e necessidade do estudo; 2) formulação da questão de pesquisa; 3) levantamento dos dados; 4) estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão; 5) seleção de estudos relevantes e; 6) análise crítica e síntese integrativa. A amostra final foi composta por 19 artigos, os quais foram coletados na base de dados Web of Science e Scopus. Mediante análise crítica dessa amostra, foi possível sintetizar os dados em 3 categorias subjacentes: “impactos da educação/alfabetização financeira”, “fatores moderadores” e “estratégias e intervenções”.

Em relação à categoria “impactos da educação/alfabetização financeira”, observou-

se que, apesar das divergências apontadas na literatura sobre o efeito da educação financeira por uma abordagem comportamental, a educação/alfabetização financeira é vista como um mecanismo que contribui para a melhoria da tomada de decisão, fornecendo aos indivíduos melhores informações e meios para que eles sejam capazes de processar e compreender as informações na tomada de decisão em investimento, poupança (GUZAVICIUS; GIŽIENŲ; ŽALGIRYTŲ, 2015; RAHMAN *et al.*, 2021), empréstimo (GUZAVICIUS; GIŽIENŲ; ŽALGIRYTŲ, 2015; CARPENA *et al.*, 2017), consumo (GUZAVICIUS; GIŽIENŲ; ŽALGIRYTŲ, 2015), crédito (ALTMANA, 2012), orçamento (ALTMANA, 2012; CARPENA *et al.*, 2017), seguro (CARPENA *et al.*, 2017) e planejamento (ASBI *et al.*, 2019).

Sendo observado que tal impacto é associado a outros fatores internos e externos ao decisor, conforme apresentados pela categoria “fatores moderadores”. A exemplo, têm-se as diferenças encontradas entre os gêneros. As mulheres revelaram-se menos propensas do que os homens a deter ativos de risco. Explicações a esse argumento é que as mulheres são mais avessas ao risco e têm menos conhecimento financeiro do que os homens (CUPÁK; FESSLER; SCHNEEBAUM, 2020), e que eles planejam mais suas finanças e buscam se manterem mais informados (ROBSON; PEETZ, 2020). Assim, a educação e a alfabetização financeira têm sido apontadas como uma questão muito importante na redução da diferença de gênero nos investimentos em ativos de risco (CUPÁK; FESSLER; SCHNEEBAUM, 2020).

Além do fator sexo, outros fatores também se revelaram como influentes ao impacto da educação/alfabetização financeira sobre o comportamento financeiro dos indivíduos, como incentivos institucionais, capacidade cognitiva, capacidade psicológica, personalidade, conteúdo, materiais educacionais, nível de escolaridade, idade, cor, qualidade da informação, confiabilidade da

informação e o contexto. Revelando de tal modo que, sobre uma perspectiva comportamental, a análise do impacto da educação e alfabetização financeira no comportamento das pessoas dependerá do nível de interação entre o conhecimento financeiro e tais fatores.

Por meio de tal entendido, os resultados do presente trabalho também revelaram intervenções e estratégias que podem ser vistas como mecanismo de amenização de tais moderadores, bem como de aumento da efetivação dos efeitos positivos da educação financeira no comportamento, conforme apresentado na categoria “estratégias e intervenções”. Assim, observa-se que este trabalho aborda uma visão holística do papel da educação e alfabetização financeira na tomada de decisão, sobre a ótica das finanças comportamentais, lançando luz sobre o desenho e a avaliação da educação e alfabetização financeira vistas como mecanismos úteis para melhoria do comportamento financeiro das pessoas.

Além disso, tais resultados apresentados contribuem para a elaboração de estratégias de ensino e de programas de educação financeira, uma vez que o presente trabalho revela os fatores influentes, bem como tópicos financeiros que surtem efeitos no comportamento dos indivíduos, o que contribui para a elaboração de um desenho ideal de programas de educação financeira. Como limitação de pesquisa, destaca-se que as buscas foram realizadas apenas na base de dados Web of Science e Scopus devido aos recursos que as bases oferecem de filtragem, seleção e análise.

Ademais, dada a importância que as decisões financeiras assumem na vida dos indivíduos, bem como da economia em geral, visto que más decisões financeiras podem resultar em dificuldades e conflitos às pessoas, afetando em sua qualidade de vida e bem-estar, espera-se que as contribuições deste trabalho sirvam de incentivos aos governos, aos programas de educação financeira e à sociedade como um todo por fornecer informações e conhecimento sobre os moderadores, estratégias e impactos da educação/

alfabetização financeira sobre o comportamento das pessoas, abrindo portas para a melhoria da tomada de decisões financeiras.

REFERÊNCIAS

ADAM, G. A.; RAU, B. L. Putting off tomorrow to do what you want today: Planning for retirement. **Amer. Psychologist**, v. 66, n. 3, p. 180-192, 2011.

AKGÜNEŞ, A. O.; AREN, S. Objective, Subjective Financial Literacy Influence on Cognitive Style and Financial Risk Perception. Strategic Management in an International Environment: The New Challenges for International Business and Logistics in the Age of Industry 4.0, 71. European Proceedings of Social and Behavioural Sciences, 338-345. **Future Academy**, 2019. doi: <https://doi.org/10.15405/epsbs.2019.10.02.31>.

ALTMANA, M. Implications of behavioural economics for financial literacy and public policy. **The Journal of Socio-Economics**, v. 41, n. 5, 2012. doi:10.1016/j.socec.2012.06.002.

ASBI, A. *et al.* The determinants of recovery from the Black Saturday bushfire: demographic factors, behavioural characteristics and financial literacy. **Accounting & Finance**, 2019. doi: 10.1111/acfi.12575.

BAKER, H. K.; GREG, F.; NOFSINGER, J. R. Behavioral Finance: What Everyone Needs to Know. **Oxford University Press**, New York, United States of America, 2019.

BAKER, H. K. *et al.* How financial literacy and demographic variables relate to behavioral biases. **Managerial Finance**, v. 45, p. 124-46, 2019.

BLASCH, J. *et al.* Empower the Consumer! Energy-related Financial Literacy and its Implications for Economic Decision Making. **Economics of Energy & Environmental Policy**, v. 10, n. 2, 2021. doi: <https://doi.org/10.5547/2160-5890.10.2.jbla>.

- CANIKLI, S.; AREN, S. Effect Of Financial Literacy And Risk Perception On Individual Investors' Investment Choices. *In: ÖZŞAHİN, M.; HIDIRLAR, T. (ed.). New Challenges in Leadership and Technology Management, 54. European Proceedings of Social and Behavioural Sciences*, p. 800-809, 2019. Future Academy. doi: <https://doi.org/10.15405/epsbs.2019.01.02.68>.
- CARPENA, F. *et al.* The ABCs of Financial Education: Experimental Evidence on Attitudes, Behavior, and Cognitive Biases. **Management Science**, v. 65, n. 1, p. 346-369, 2017. doi: <https://doi.org/10.1287/mnsc.2017.2819>.
- ÇETİNER, M.; ÇILINGİRTÜRK, A. M. Sosyal Ağların Finansal Okuryazarlık Üzerine Etkisi. **Sosyoekonomi**, v. 27, n. 41, p. 41-56, 2019.
- CUPÁK, A.; FESSLER, P.; SCHNEEBAUM, A. Gender differences in risky asset behavior: The importance of self-confidence and financial literacy. **Finance Research Letters**, 2020. doi:10.1016/j.frl.2020.101880.
- DARRIET, E. *et al.* Money illusion, financial literacy and numeracy: experimental evidence. **Journal of Economic Psychology**, v. 76, 2019. doi:10.1016/j.joep.2019.102211.
- FAN, L.; CHATTERJEE, S. Application of situational stimuli for examining the effectiveness of financial education: A behavioral finance perspective. **Journal of Behavioral and Experimental Finance**, 17, p. 68-75, 2018. doi:10.1016/j.jbef.2017.12.009.
- FERNANDES, D.; LYNCH JR., J. G.; NETEMEYER, R. G. Financial Literacy, Financial Education, and Downstream Financial Behaviors. **Management Science**, v. 60, n. 8, p. 1861-1883, 2014. <http://dx.doi.org/10.1287/mnsc.2013.1849>.
- GARCÍA, M. J. R. Financial Education and Behavioral Finance: new insights into the role of information in financial decisions. **Journal of economic surveys**, p. 1-24, 2011. doi:10.1111/j.1467-6419.2011.00705.x.
- GERTH, F. *et al.* The Behavioural Aspects of Financial Literacy. **Journal of Risk and Financial Management**, v. 14, n. 395, 2021. <https://doi.org/10.3390/jrfm14090395>.
- GUZAVICIUS, A.; GIŽIENĖ, V.; ŽALGIRYTĖ, L. Education As Public Good: Behavioral Economics Approach. *Procedia. Social and Behavioral Sciences*, v. 191, p. 884-889, 2015. doi:10.1016/j.sbspro.2015.04.401.
- IYENGAR, S. S.; JIANG, W.; HUBERMAN, G. How Much Choice is Too Much? Contributions to 401(k) Retirement Plans. *In: MITCHELL, O. S.; UTKUS, S. Pension Design and Structure: New Lessons from Behavioral Finance*. Oxford: Oxford University Press, 2004. p. 83-95.
- KAHNEMAN, D. **Rápido e Devagar**: duas formas de pensar. Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2012.
- KAHNEMAN, D.; TVERSKY, A. Prospect theory: an analysis of decision under risk. **Econometrica**, v. 47, n. 2, p. 263-29, 1979.
- KAWAMURA, T. *et al.* Is Financial Literacy Dangerous? Financial Literacy, Behavioral Factors, and Financial Choices of Households. **Journal of the Japanese and International Economies**, v. 60, 2021. doi:10.1016/j.jjie.2021.101131.
- LIA, X. *et al.* Financial behaviors, financial satisfaction, and goal attainment among college-educated young adults: A mediating analysis with latent change scores. **Applied Developmental Science**, 2021. doi:10.1080/10888691.2021.1976182.
- NANZIRI, E. L.; LEIBBRANDT, M. Measuring and profiling financial literacy in South Africa. **South African Journal of Economic and Management Sciences**, v. 21, n. 1, p. 1-17, 2018. doi: <https://doi.org/10.4102/sajems.v21i1.1645>.

- OECD - ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Recommendation on principles and good practices for financial education and awareness: recommendation of the council.** 2005. Disponível em: <https://www.oecd.org/finance/financial-education/35108560.pdf>. Acesso em: 10 mar. 2023.
- RAHMAN, M. *et al.* The role of financial behaviour, financial literacy, and financial stress in explaining the financial well-being of B40 group in Malaysia. **Future Business Journal**, v. 7, n. 1, 2021. doi: <https://doi.org/10.1186/s43093-021-00099-0>.
- RAUT, R. K. Past behaviour, financial literacy and investment decision-making process of individual investors. **International Journal of Emerging Markets**, v. 15, n. 6, p. 1243-1263, 2020. doi:10.1108/ijoem-07-2018-0379.
- REMUND, D. L. Financial literacy explicated: The case for a clearer definition in an increasingly complex economy. **Journal Consumer Affairs**, v. 44, p. 276-295, 2010.
- ROBSON, J.; PEETZ, J. Gender Differences in Financial Knowledge, Attitudes, and Behaviors: Accounting for Socioeconomic Disparities and Psychological Traits. **Journal of Consumer Affairs**, 2020. doi:10.1111/joca.12304.
- SEKITA, S.; KAKKAR, V.; OGAKI, M. Wealth, Financial Literacy and Behavioral Biases in Japan: the Effects of Various Types of Financial Literacy. **Journal of The Japanese and International Economies**, v. 64, 2022. doi: <https://doi.org/10.1016/j.jjie.2021.101190>.
- SHANKAR, N.; VINOD, S.; KAMATH, R. Financial wellbeing – A Generation Z perspective using a Structural Equation Modeling approach. **Investment Management and Financial Innovations**, v. 19, n. 1, p. 32-50, 2022.
- SHEFRIN, H.; NICOLS, C. M. Credit card behavior, financial styles, and heuristics. **Journal of Business Research**, v. 8, n. 67, p. 1679-1687, 2014. doi:10.1016/j.jbusres.2014.02.014.
- SIMON, H. A. Rational Decision Making in Business Organizations. **The American Economic Review**, v. 69, n. 4, p. 493-513, 1979.
- TORRACO, R. J. Writing Integrative Literature Reviews: Using the Past and Present to Explore the Future. **Human Resource Development Review**, v. 15, n. 4, p. 402-428, 2016. doi:10.1177/1534484316671606.